

# Thereza garante: Tudo pronto para Brasília votar

Dois meses atrás, ao assumir a presidência do TRE, a desembargadora Maria Thereza de Andrade Braga, chegou a pensar que não seria possível organizar o primeiro pleito do DF em um período de tempo tão curto. Hoje, ao contrário, ela tem certeza de que tudo ficará pronto em tempo e correrá bem no dia 15 de novembro. Entre seu temor inicial e a certeza de hoje, houve 60 dias de muito trabalho. Maria Thereza normalmente acorda às 4h da madrugada e só dorme por volta das 23h. Para agilizar o trabalho do Tribunal, ela criou comissões — de materiais, segurança, propaganda e comunicações —, cujo trabalho começa a aparecer agora.

Nesta entrevista exclusiva ao **CORREIO BRAZILIENSE**, concedida na tarde da última sexta-feira, entre encontros com juizes e telefonemas de advogados, a desembargadora fala do desafio que é preparar as primeiras eleições da capital

do País. Bem humorada, ela diz que já tem candidatos escolhidos, mas nega-se a revelar seus nomes. Maria Thereza dá conselhos a candidatos e eleitores e comenta o processo eleitoral do DF. A desembargadora fala também sobre duas questões polêmicas: os casos Múcio e Márcia.

Mineira, Maria Thereza Braga chegou a Brasília há 12 anos. Há seis é desembargadora do Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Divorciada e casada pela segunda vez com um geólogo norte-americano Donald Haynes, ela diz levar uma vida simples. Aprecia a boa leitura, é fã de filmes de faroeste e também de desenhos animados. Não tem filhos. A presidente do TRE gosta de artesanato e ela mesma pinta telas e porcelanas, atividades deixadas de lado no momento, em função do trabalho intenso. Calma e gentil, Maria Thereza Braga se considera uma pessoa feliz.



Maria Thereza de Andrade Braga trabalha 19 horas

## AFONSO COZZOLINO Da Editoria de Política

A senhora assumiu a presidência do TRE há dois meses...

Parece que foi há anos (risos), parece que há muito tempo estou lidando com isso.

Como está sendo o trabalho de organizar as primeiras eleições do Distrito Federal?

É uma tarefa gigantesca, assustadora, quando vista num total, mas eu me limito a trabalhar muito a cada dia. E cada dia tem a sua etapa, a sua carga. Com isso verifico que estamos queimando etapas satisfatoriamente.

Que etapas já foram concluídas?

Já fizemos o registro de todos os candidatos e julgamos em tempo, no dia certo, todos esses registros. Os recursos que chegam ao Tribunal são imediatamente distribuídos e imediatamente julgados. Não temos serviço atrasado. Existem no TRE as comissões que tratam do material, transporte e alimentação da eleição, outra que já fez um belíssimo trabalho de prestação de esclarecimentos aos eleitores — são os programas que as rádios e TVs começam a apresentar. Há, ainda a comissão de segurança e comunicações e a de apuração. Todos os juizes foram nomeados para as juntas apuradoras, assim como mesários e escrutinadores. Isso demanda um trabalho enorme.

Como é o trabalho dessas comissões?

Tudo o material necessário para a realização do pleito — desde urnas a canetas — está sendo providenciado pela comissão de material, que conta com grande e decisivo apoio do GDF. A comissão de segurança providenciará policiamento no dia das eleições e nos dias seguintes, tanto para os eleitores, quanto para as urnas, seções e locais de apuração. Participarão desse sistema de segurança a Polícia Federal, a Polícia Militar, a Polícia Civil, a Secretaria de Segurança e o Corpo de Bombeiros. Está previsto, ainda, um sistema de ligação, através de rádio, entre todas as seções e o TRE.

Todas as seções, urbanas ou rurais, estarão em contato direto com o Tribunal?

Todas estarão cobertas, dentro de um sistema único de comunicação. Ainda com relação aos preparativos, já temos a nossa cédula, que foi enviada para o Departamento de Imprensa Nacional para ser impressa.

Quantas unidades o TRE encomendou?

Um milhão e 500 mil cédulas.

Não é muito, considerando que o DF tem pouco mais de 700 mil eleitores?

Ao contrário, é o suficiente. São 732 mil eleitores e uma incógnita nesta eleição é justamente o voto do não-alfabetizado. Nós não

sabemos quantas cédulas o não-alfabetizado utilizará e esta é uma cédula difícil, realmente.

Não havia uma alternativa mais simples de cédula?

Não há condição de mudá-las. E a Lei que determina a forma da cédula. A Justiça Eleitoral não tem como fazer uma cédula diferente, ela apenas obedece os ditames legais nesse particular.

O TRE vem se saindo bem na preparação das eleições?

Acho que sim. Pelo menos estamos fazendo o possível para realizar um bom trabalho.

A estrutura do Tribunal é pequena...

Muito. Nós temos um efetivo de menos de 80 funcionários, que não estavam afeitos à organização de uma eleição. As poucas vezes em que votou-se em Brasília não aderimos experiência suficiente para formarmos uma equipe acostumada com esse trabalho.

É difícil preparar os funcionários?

Não, isso acontece à medida em que eles vão fazendo o trabalho que eles têm que fazer. Na verdade, estamos às voltas com um preparativo de guerra, um aparato de guerra.

Como é a sua rotina, na coordenação dessa "guerra"?

Houve momentos em que eu fiquei um pouco aflita, temendo a falta de estrutura, tempo e pessoal adequado para suportar a tarefa. Entretanto, vivendo o dia-a-dia, verifiquei que o calendário eleitoral, apesar de apertado, é sábio.

Quer dizer, pautando as nossas ações pelo calendário, contando com a colaboração inestimável, com a boa vontade total do GDF, a disponibilidade total dos juizes, do pessoal requisitado, dos nossos funcionários, vi que, realmente, dia-a-dia, a tarefa estava sendo cumprida e, no meu modesto pensar, bem cumprida.

Hoje, a menos de um mês das eleições, a senhora acha que vai dar tempo?

Vamos dar conta de tudo, eu tenho certeza disso. Na verdade, está tudo saindo bem, normalmente. E sair bem é sair normalmente, não é assim?

Como é o trabalho da senhora?

Bem, trabalho muito, como todos os outros. Estou acumulando minhas funções no Tribunal de Justiça com as do Tribunal Eleitoral. Entretanto, julgo os processos urgentes apenas, pois o serviço eleitoral não pode ser sacrificado. Precisa ser feito, e muito bem feito. É evidente que não tenho tempo para fazer compras, para ir à feira, para fazer visitas... Se eu conseguir chegar ao dia das eleições conservando os meus amigos, serei uma mulher feliz.

A senhora começa a trabalhar a que horas?

Varia (risos). Normalmente acordo às 4h, 4h30 da madrugada.

E trabalha até que horas?

As 22h30, 23h, eu normalmente já não aguento mais (risos).

O que falta fazer para concluir os preparativos?

O que falta ainda é a distribuição final, total dos títulos do eleitor.

É um problema que o TRE vem enfrentando?

Não é um problema, é uma tarefa que está sendo feita normalmente, e vai ser cumprida até o fim.

Aumentou a procura pelos títulos nos postos?

Na 1ª zona (Plano Piloto), que era a que nos preocupava, aumentou substancialmente.

Como se explica o fato de, justamente na 1ª zona, onde está concentrada a elite intelectual, a procura ser menor, e na 8ª zona (Ceilândia), onde se concentra a população menos esclarecida, a entrega ter disparado?

Eu não sei explicar. Os sociólogos devem saber. Eu cheguei em primeiro lugar para receber o meu título e, ainda que não fosse a presidente do TRE, eu o teria buscado no primeiro dia. De fato, tenho explicação para esse fenômeno.

Além da distribuição dos títulos, o que mais é preciso fazer antes do dia 15 de novembro?

Faremos a reunião dos mesários para serem instruídos pelos juizes eleitorais e a reunião dos escrutinadores, que também receberão orientação. Precisamos, ainda, distribuir os materiais para as seções, o que deve ser feito a partir do início de novembro.

Como vai ser o dia 15 de novembro no Distrito Federal?

Nesse dia há de correr um surto patriótico por todo o DF. Eu pessoalmente, estou ansiosa: só votei uma vez em toda a minha vida.

Para presidente?

E, em Minas Gerais, em 1960.

A senhora pode revelar em quem votou?

Eu prefiro não dizer...

Mas a senhora se arrependeu ou não?

Eu acho que sim (risos). Acho que sim. Mas foi o meu primeiro voto e essa eleição para mim teve uma importância muito grande. Era minha primeira eleição e meu pai presidia o TRE de Minas Gerais.

É uma tradição de família?

Não (risos), não diria uma tradição, mas uma coincidência que ele tenha sido presidente de um TRE e que eu o seja agora. São coisas da vida. Na época isso tudo para mim era muito significativo. Acompanhei meu pai no Eleitoral — foi um trabalho enorme e bem-sucedido. Aquela eleição convulsionou o País. E agora estou revivendo essas emoções.

O que o eleitor precisa fazer nesse dia?

Ele terá que se munir do título eleitoral e de sua carteira de identidade. Então dirigir-se à sua seção. Lá chegando, se não houver escolhido os seus candidatos, consultará a lista com os nomes, números e partidos. E decidirá. Quando for chamado, o eleitor apresentará seu título ao presidente da mesa, que o conferirá com a folha de votação. Se tudo estiver certo, ele assinará a folha de votação e apanhará a cédula das mãos do presidente. O eleitor deverá se certificar

se a cédula está sem rasuras e sem riscos. Feito isso, se dirigirá até a cabine e lá votará em três candidatos ao Senado e um à Câmara. Se quiser, poderá votar também no partido. Terminado, o eleitor depositará a cédula na urna, após dobrá-la e receberá seu título de volta.

E depois voltará dentro de quatro anos...

Sim (risos), espero que sim... Na verdade, espero que o dia 15 de novembro seja um dia muito feliz para o DF e que todos saibam, escolher bem seus candidatos. A ponderação que eu faço a mim mesma é a ponderação que faço a todo eleitor: esta eleição vai apontar não só nossos deputados e senadores, mas principalmente nossos Constituintes. Eu perguntaria ao eleitor: Você já leu a nossa Constituição? O que você quer que seja mudado na Constituição?

A partir daí, a partir do que se pretende mudar objetivamente, o eleitor escolherá os candidatos que melhor se afinem com suas idéias de mudança.

A senhora já escolheu seus candidatos?

Já escolhi, sim.

A senhora pode dizer quem são eles?

Lamentavelmente não posso, não.

Por quê?

É uma vedação inclusive de ordem legal. Eu não poderia me manifestar...

A senhora acredita que seus candidatos serão eleitos?

Eu espero que sejam, porque são pessoas esclarecidas, competentes, conscientes e que podem fazer um bom trabalho.

Eles vêm aparecendo nas pesquisas?

Bem, eu não tenho acompanhado muito as pesquisas, inclusive porque acho que neste momento a pesquisa não é um fator indicativo de vitória. Só a partir do dia 1º de novembro, ou seja, nos últimos dias de campanha, é que haverá decisões.

O que a senhora está achando das campanhas dos candidatos?

Prefiro não dizer nada a respeito das campanhas. Mas gostaria que os candidatos prestassem atenção — e a maioria deles está prestando — em obedecer a lei, no tocante à propaganda eleitoral.

Tem havido muitas irregularidades no DF?

Tivemos alguns candidatos que colocaram propaganda proibida em locais inadequados. Outros chegaram a pichar o patrimônio público, o que é criticável e ilegal. Entretanto, não temos nenhum candidato inteiramente rebelde.

A fiscalização das campanhas tem sido eficaz?

Eu acho que sim. O nosso juiz, Carlos Augusto Machado Faria, é realmente uma pessoa competente, correta, independente alti-

va acima de qualquer crítica.

Mas houve muitas reclamações contra as determinações dele...

É como eu sempre disse: ser o primeiro intérprete dessas normas e resoluções não é uma tarefa fácil. Além de tudo, nós juizes estamos acostumados a assumir pontos de vista. A Lei nos exige isso. Um juiz julga com o que a Lei determina e conforme sua consciência manda. São os parâmetros do juiz. O doutor Carlos Augusto faz simplesmente isso. E passível de crítica uma pessoa que pessoa que aja assim? Acho que não. Evidentemente que posso pensar de uma maneira diferente e você também. O Tribunal algumas vezes temperou decisões dele, o que não significa que ele houvesse exorbitado.

A senhora acompanha a propaganda pela televisão?

Acompanho.

O que acha dela?

Vejo o horário noturno e acho que muitos candidatos têm conseguido levar ao público uma excelente imagem.

Outros, ao contrário, têm se prejudicado...

Não, não é que eles estejam se prejudicando. Penso que deveriam dedicar o preciosíssimo tempo que têm — e falo como eleitora e telespectadora para levar uma mensagem pessoal para o eleitor, ao invés de gastar minutos e minutos criticando A, B ou C, ou seus próprios colegas candidatos. Uma campanha dirigida para a positividade de cada um é mais profunda.

Uma decisão histórica do TRE-DF foi a impugnação da candidatura de Múcio Athayde. Como foi isso? Agora, mais de um mês após a decisão, a senhora pode comentar o caso? Houve dificuldade para se tomar esse caminho?

Não houve dificuldade. O Tribunal foi chamado a decidir uma questão e sobre essa questão, como em todo tribunal, como em todo colegiado, cada qual julgou dentro dos parâmetros legais.

Não foi difícil ou fácil. Simplesmente tomou-se uma decisão.

Mas o processo foi polêmico.

Todo processo que vem às mãos de um juiz tem a mesma importância, o mesmo peso. Não é porque ele causa maior alarde público que é melhor estudado ou melhor apreciado.

Mas o próprio fato de ser um processo de abuso de poder econômico inédito no DF...

A única coisa que houve de diferente no processo foi ser o primeiro deste tema julgado pelo Tribunal. Os votos que se lançaram na época foram jurídicos e de muito brilhantismo.

Houve polêmica entre os membros do Tribunal, a portas fechadas?

Não houve polêmica de absolutamente natureza alguma. Apenas nós, como o processo exigia que a votação fosse feita em uma única sessão, tivemos que pedir conselho por duas vezes: isto porque nem todos os membros haviam tido acesso aos autos e precisavam estudá-lo durante o julgamento. A votação transcorreu na maior tranquilidade.

O voto da senhora foi decisivo, uma vez que desempatou o julgamento? Foi difícil?

“Prefiro não me pronunciar sobre o processo de Márcia. Não li a sentença do juiz Simão Guimarães de Souza. Também não posso dizer se ela pode continuar a campanha, mas acredito que o TRE decidirá a questão antes das eleições”

Não foi, absolutamente. E tenho a certeza de que não foi difícil para nenhum dos membros do Tribunal. Foi, sim, uma votação movimentada pelo público que a assitia.

Outro processo polêmico é o que envolve a candidata Márcia Kubitschek. O que pode acontecer com ela aqui no TRE?

Prefiro não dizer nada a respeito disso, não emitir qualquer opinião sobre o processo. Não li a sentença do juiz Simão Guimarães de Souza.

A candidata pode continuar em campanha?

Não vou me manifestar inclusive quanto a isso. Deixarei para falar no momento adequado, quando o TRE for chamado a dizer alguma coisa a respeito.

A senhora acredita em uma solução para o caso do dia 15 de novembro?

Os prazos para recursos eleitorais são de três dias. Em seguida, em cinco dias, o Tribunal decidirá. Acredito que o TRE decidirá antes das eleições.

Mas se houver um novo recurso, junto ao TSE?

Isso eu não poderia prever.

O TSE confirmou todas as decisões do TRE. É um bom sinal?

De maneira geral, a atuação do TRE está em conformidade com as resoluções do TSE. Cabe a nós acatarmos tais resoluções. Não são muito variadas as questões jurídicas que se põe à decisão do TRE. São mais questões administrativas.

O que a senhora espera da bancada do DF na Constituinte?

Espero que seja consciente e que saiba realmente traduzir os anseios legítimos do povo do Distrito Federal.

Para concluir, em quantos dias o brasiliense saberá quem são seus representantes no Congresso?

De acordo com as previsões do Serpro é com base em dez horas para cada dia, teremos os votos apurados em três dias. Mas não sabemos ainda o que vamos encontrar nas urnas. Não sabemos quantas impugnações os juizes vão apreciar. Assim, há uma série de incógnitas que nos impedem de fazer uma avaliação correta. Se correr tudo bem, teremos o resultado em três dias.

Aí a senhora descansa?

Não (risos). Ai teremos os recursos e faremos os relatórios das eleições para o TSE. Não tenho esperança de descansar antes de janeiro do ano que vem, quando todo o trabalho eleitoral estará concluído. Quando assumi o TRE, depois de uma semana de trabalho, eu dizia: “A semana que vem há de ser mais tranqüila”. Nunca foi. O que houve foi uma adaptação minha ao crescente trabalho.